

José Claudio Matos

AS MÚTUAS NEGAÇÕES DO CRIACIONISMO E DO EVOLUCIONISMO: suas origens e efeitos na cultura contemporânea

RESUMO:

Este artigo parte do ponto de vista das culturas constituídas em negativo para conceituar e analisar o antievolucionismo e o anticriacionismo. Segue o formato discursivo apropriado ao modelo de verbetes de dicionário, a fim de se referir de forma clara e genérica aos termos mencionados, visando atender a um público mais amplo. Investiga a mútua oposição entre o antievolucionismo e o anticriacionismo na medida em que estes se constituem como cosmologias, e explora as possibilidades de um diálogo ou interação profícua entre tais visões, amenizando o aspecto negativo de ambas atitudes.

Palavras-chave: antievolucionismo; anticriacionismo; cultura; cosmologia.

* Doutor em Filosofia pela
Universidade de São Paulo.
E-mail: doutortodd@gmail.com

AS MUTUAL DENIALS CREATIONISM AND EVOLUTIONISM: its origins and effects on contemporary culture

ABSTRACT:

This paper starts from the point of view of the cultures formed in negative, to conceptualize and analyse the antievolutionism and the anticriacionism. It follows the discursive form appropriate to the model of dictionary entries, in order to refer clearly and generically to the terms mentioned, aiming to attend to a wider audience. It investigates the mutual opposition between the antievolucionismo and the anticriacionismo while they present themselves as cosmologies, and explores the possibilities of a dialogue or fruitful interaction between such visions, easing the negative aspect of both attitudes.

Keywords: antievolutionism; anticriacionismo; culture; cosmology.

LAS MUTUAS NEGACIONES DEL CREACIONISMO Y EVOLUCIONISMO: sus orígenes y efectos en la cultura contemporánea

RESUMEN:

Este artículo es parte del punto de vista de las culturas que se formaron en negativo para conceptualizar y analizar el antievolucionismo y el anticriacionismo. Sigue el formato discursivo adecuado al modelo de entradas de diccionario, para referirse clara y genéricamente a los términos mencionados, con el fin de atender a un público más amplio. Investiga la oposición mutua entre el antievolucionismo y el anticriacionismo en la medida en que se constituyen como cosmologías y explora las posibilidades de un diálogo o interacción fructífera entre tales visiones, amenizando el aspecto negativo de ambas actitudes.

Palabras claves: antievolucionismo; anticriacionismo; cultura; cosmología.

INTRODUÇÃO

ESTE TRABALHO se situa no panorama do que vem sendo chamado de ‘culturas em negativo’: essencialmente, a forma de definir crenças, valores e comportamentos, com base na negação ou repúdio de um “outro”, contra o qual se constituem discursos e condutas. No caso específico do discurso aqui apresentado, o ponto de partida são duas concepções concorrentes acerca da origem e ordenação dos seres na natureza, a saber: o evolucionismo e o criacionismo. Submetendo estas concepções ao ponto de vista cultural de sua negação, poder-se-ia formular de maneira suficientemente estruturada uma conceituação que se caracteriza como *antievolucionismo* e *anticriacionismo*. Por essa mútua oposição, a identidade cultural relacionada a cada um destes pontos de vista é resultante da tentativa de desacreditar ou negar a outra, vendo-a como falsa, do ponto de vista do conhecimento, ou perniciosa, do ponto de vista dos valores. Ambos os termos são entendidos aqui como visões cosmológicas que, em grande medida, se opõem mutuamente.

Em termos metodológicos, a composição do texto segue a orientação para os verbetes do *Dicionário dos Antis – a cultura brasileira em negativo*, organizado sob coordenação dos professores Luiz Eduardo Oliveira (CLEPUL/ Universidade Federal de Sergipe) e José Eduardo Franco (CLEPUL/ Universidade de Lisboa). Em vista disso, o leitor haverá de perceber diferenças em relação ao costumeiro modelo de estruturação de um artigo acadêmico. Ao invés de citações e lista de referências ao final, por exemplo, optou-se por uma lista bibliográfica, e por uma redação mais objetiva e direta, conveniente à forma discursiva de um dicionário. As conclusões ao fim do texto discutem alguns aspectos da relação entre o antievolucionismo e o anticriacionismo, procurando dar unidade ao esforço explicativo aqui empreendido.

ANTIEVOLUCIONISMO

Antievolucionismo é a negação da evolução como origem ou causa da existência e ordem do universo e dos seres que o habitam. Entenda-se “evolução”, em

linhas gerais, como um processo de transformações acumulativas que determina as características dos seres a ela submetidos. O antievolucionismo, portanto, manifesta a recusa contra a ideia de que seres complexos tenham sido formados ao longo de linhagens que acumulam sucessivas transformações. O antievolucionismo define-se pela negação de que ‘evolução’ seja um processo real e questiona os fundamentos e evidências em que a alegação da realidade da evolução se apóia. Define-se também, em outra vertente, pela negação de que, mesmo real, a evolução seja atribuída como causa da ordem natural. Antievolucionistas desta segunda vertente não chegam a negar a existência de mudanças evolutivas observáveis no mundo. Mas negam que a evolução seja um processo com poder suficiente para - sem interferência de um desígnio ou intenção especial - determinar as características observadas no mundo e seus habitantes, especialmente os seres vivos. Há um importante aspecto no antievolucionismo, que diz respeito não tanto ao universo físico em geral, mas aos seres vivos e especialmente o ser humano. Sob este aspecto, o antievolucionismo pode ser entendido como a negação de que a evolução sozinha seja a regra geral da história dos seres vivos na natureza. O antievolucionista argumenta que um mundo em que diversos seres se integram segundo tamanha ordem e complexidade não pode ter criado a si próprio, pois a complexidade e a ordem de nível mais elevado são comumente efeitos de um plano ou propósito intencional. Esta ideia se expressa na forma da acusação - de grande força retórica - de que o evolucionista estaria propondo o contrassenso de que o universo, as leis naturais e os seres vivos - incluindo o homem - seriam produtos do acaso, e isto não faria sentido diante da diversidade e ordenação de cada uma de suas partes, e do todo tomado em conjunto.

Um forte elemento da tradição teórica ocidental é a ideia de que todos os seres existentes possuem uma essência ou substância própria que constitui sua identidade mais profunda. Conhecer verdadeiramente alguma entidade do mundo natural implicaria conhecer a sua essência ou substância, em oposição às meras características acidentais ou acessórias. Por meio de tal essência, então, é que uma entidade pode ser conhe-

cida e incluída como membro de uma classe ou *espécie*. Uma espécie (*eidos*), como a espécie das rãs ou das gaivotas, é estabelecida a partir da suposição de uma essência comum a uma classe de seres particulares. Um aspecto importante desta crença é que tal essência é real. A substância de um ser – especialmente aqui de um ser vivo – não é apenas uma forma de classificação, ela é uma manifestação do aspecto mais fundamental de um ser, como componente do mundo que pode ser conhecido. Portanto, a substância também é fixa: se a substância fosse mutável, ou variável, não poderia ser determinada para além das características acidentais, e não se poderia dizer o que um ser realmente é. A mudança e a transformação só se aplicariam às características acidentais. Cada ser teria, então, dois tipos de características: as acidentais, que podem sofrer mudanças, e a sua essência, ou substância, constituinte de sua natureza profunda e imutável.

A força da noção clássica de ‘espécie’ como uma forma fixa e a ausência de um mecanismo explicativo satisfatório das leis de mudança acumulativa inclinavam muitos estudiosos da tradição a negar a evolução. O seu argumento é o de que, se todos os seres estivessem em constante transformação, e a transição fosse o princípio geral do mundo natural, não haveria como estabelecer seguramente nem identidade e nem distinção no mundo, e o conhecimento dos seres organizados seria impossível.

No século XVIII, com o desenvolvimento do método experimental nas ciências, a noção especulativa de espécie como algo imutável dá lugar a concepções transformistas da ordem natural. As realizações científicas, ao substituírem a força da tradição pelo teste experimental, deram lugar a explicações que estavam mais interessadas nas regularidades e no ordenamento pelo qual o universo funciona e se desenvolve do que em definições da substância profunda de um ser. E aos poucos a ideia de uma linha evolutiva dos seres vivos parecia cada vez mais plausível. Alguns iluministas, como Voltaire e Diderot, já consideravam a possibilidade da evolução e transformação das espécies vivas. O trabalho de naturalistas como Cuvier e Lamarck, no fim do século XVIII e começo do XIX, representa o início da busca por um mecanismo explicativo que desse

conta do fato de que as espécies vivas sofrem mudanças evolutivas, ao longo de períodos extensos de tempo. Mas, como é amplamente reconhecido dentro e fora dos meios acadêmicos, o principal alvo do antievolucionismo é o paradigma científico e filosófico inspirado pela teoria da seleção natural formulada por Darwin no século XIX. Contudo, percebe-se que mesmo antes dele a polêmica entre uma visão fixista e uma visão evolutiva do universo e do ser humano já estava instalada no pensamento moderno.

A partir de Darwin a evolução se estabelece como um fato aceito por muitas comunidades intelectuais na cultura moderna. Com o progresso das ciências biológicas e dos estudos da cultura humana no passado remoto, chegou-se no século XX a uma síntese da teoria evolutiva, fortalecida por áreas de estudo como a genética e a paleontologia. Diversos campos do conhecimento se desenvolvem a partir da admissão da evolução como fato, e não somente como uma especulação. Esta admissão passa a incluir como efeito da evolução o próprio ser humano e a cultura, o que provocou forte reação contrária nos meios científicos e religiosos, reunindo os antievolucionistas de diversas vertentes em torno de um inimigo comum: a teoria da seleção natural, baseada na regra da sobrevivência do mais adaptado. A razão disso é que entre os próprios defensores da evolução, a corrente predominante é a que se agrega em torno do darwinismo, e então, ser antievolucionista, em grande medida, passa a significar uma negação do darwinismo e de seus tributários na cultura contemporânea.

A partir de Darwin e sua obra é que a teoria evolutiva passa a incidir sobre o ser humano e seus traços físicos e mentais. A adoção do antievolucionismo implica, portanto, na negação mais pontual de que o ser humano e suas características sejam explicáveis como produtos do mesmo processo evolutivo que incide sobre os outros seres vivos. Percebe-se que esta negação envolve a expectativa de que o ser humano seja dotado de um atributo especial, pelo qual se distingue das outras criaturas, e que seja fonte de sua identidade e dignidade. Negar a origem evolutiva do ser humano seria como atender a uma reivindicação de unicidade que distinga o ser humano, seja por sua inteligência,

seja por sua complexidade psíquica, seja por algum atributo sobrenatural como o espírito ou a alma. Seria como dizer que um ser tão complexo e tão diferente dos outros não pode ter como causa um processo natural tão cego, contingente e destituído de propósito, como o processo de seleção natural.

Em 1967 o livro *Veio o homem a existir por evolução ou por criação?*, editado pela *International Bible Students Association*, apresentou uma argumentação que, mesmo hoje em dia, é reconhecida como um dos principais manifestos antievolucionistas publicados em escala internacional. Este livro questiona o estabelecimento da evolução como fato e atribui sua crescente popularidade a uma campanha de ensino e divulgação de ideias evolucionistas nas escolas, universidades e meios de comunicação. Seu argumento é que a Bíblia - e não as ciências - representa a descrição correta da realidade, e que a chamada 'iniquidade' da teoria evolutiva se fortalece na cultura pelas escolhas erradas feitas pelo ser humano na vida social. A conclusão do livro, seguida por muitos grupos sociais mais ou menos comprometidos com a leitura literal da Bíblia, é que a ideia de evolução das espécies é falsa e provoca valores e crenças perniciosos ao ser humano.

Recentemente, movimentos antievolucionistas de diversos tipos têm feito uso dos meios de comunicação e da internet para divulgar suas ideias. Parte deste impulso contemporâneo a favor do antievolucionismo vem do compromisso com uma interpretação literal de textos religiosos, principalmente da Bíblia. Segundo a cosmologia apresentada nestes textos, não haveria evolução acontecendo no mundo. O mundo teria uma história na qual os seus habitantes possuem essências fixas, definidas e imutáveis. Tais essências teriam sido criadas para atender a um propósito. O antievolucionista, neste aspecto, nega a evolução tendo por base a evidência, que para muitos é incontestável, da existência de tais essências e de tal propósito. Além disso, contesta as supostas evidências científicas acerca da realidade observável dos processos evolutivos. É comum encontrar no discurso dos antievolucionistas a alegação de que a evolução é "somente uma teoria" ou especulação, querendo com isso dizer que ela não possui evidência suficiente a seu favor.

O antievolucionismo alega a fragilidade dos registros da atuação de forças transformadoras ao longo das eras da história da vida. Algumas de suas versões mais radicais chegam a negar que a idade da Terra ultrapasse alguns milhares de anos. Com base na autoridade do saber revelado pelas escrituras, certos grupos de antievolucionistas chegam a questionar a realidade de espécies ancestrais extintas, como os dinossauros, e desacreditam da fidedignidade dos registros fósseis. Há ainda o grupo de antievolucionistas que, baseados em uma interpretação literal do Antigo Testamento, negam a evolução por ela ser incompatível com os primeiros capítulos do Gênesis e com o Dilúvio, que teria despovoado o planeta, com exceção das espécies embarcadas pelo patriarca Noé. Para o antievolucionista de inspiração religiosa a evolução é falsa, pois contraria uma explicação do mundo fortalecida pela fé em uma cosmologia onde todos os seres têm forma fixa e função definida. Mas esta versão do antievolucionismo não se satisfaz somente em recusar a evolução como alvo da explicação científica.

A necessidade de promover seu ponto de vista diante do escrutínio da opinião pública, com argumentos e justificativas, conduz ao antievolucionismo como posição teórica, e não apenas religiosa. Soa inaceitável ao antievolucionista que estruturas complexas como um olho ou o cérebro humano capaz de linguagem e sentimentos possam ser efeitos de um processo de acumulação de modificações sem qualquer propósito ou planejamento prévio. Também soa inaceitável, em menor intensidade, que este processo seja medido nas enormes escalas do tempo geológico. Finalmente, soa ainda mais inaceitável que a inteligência e a subjetividade humanas se devam, como todas as outras formas observadas na natureza, à ação de contingências físicas e químicas.

A recusa de uma ordem evolutiva no mundo natural envolve a recusa do discurso em favor de tal ordem evolutiva. Por isso, o antievolucionismo não é apenas um ponto de vista acerca de regularidades naturais: ele é a de negação de uma matriz cultural. Antievolucionistas têm publicado livros e artigos na tentativa de refutar pesquisas científicas baseadas na evolução e, também, feito inúmeras campanhas para que a teoria evolutiva não seja ensinada em escolas da

educação básica, sob a alegação de se tratar de uma visão falsa e perversa do mundo.

Para o anti-evolucionista mais radical, o próprio método científico sobre o qual a ideia de evolução supostamente se apóia deve ser objeto de dúvida e de rejeição, quando seus resultados não condizem com as afirmações reveladas pelas escrituras e tradições culturais religiosas. Neste sentido, ele se proclama na defesa da tradição religiosa contra o assédio das teorias científicas, que pretendem estabelecer explicações experimentais para a ordem natural e fundamentos para a reconsideração de valores e costumes tradicionais. Além do antievolucionismo se opor à cosmovisão da constante transformação dos seres vivos ao longo do tempo, ele se opõe ao aspecto pernicioso de suas consequências religiosas e morais. Por isso, ser antievolucionista envolve um conjunto de admissões de forte implicação ética e cultural: Se o mundo natural - e o ser humano em particular - estivessem em constante transformação, não haveria valores nem princípios absolutos, pois tais valores ou princípios seriam apenas funções relativas à condição atual do mundo e do ser humano. Em certo sentido, ser um antievolucionista é promover a afirmação de valores fundamentais que são indiferentes às modificações de época e de contexto. O lugar do ser humano no topo da escala dos seres vivos, o caráter sagrado da vida humana, a autoridade suprema de um ser superior responsável pela criação e constante manutenção de todos os seres do universo, bem como a correspondente autoridade de textos e instituições consideradas representantes deste ser superior no mundo, são exemplos de valores derivados do antievolucionismo. A negação da relatividade dos valores, a negação da transição constante de estados do mundo é o ponto de vista que reside por trás da postura antievolucionista, no seu aspecto ideológico ou moral.

ANTICRIACIONISMO

Anticriacionismo é a atitude de negação de que os seres existentes tenham a sua origem em um ato ou processo de criação. “Criação” é aqui entendida como o ato ou processo empreendido por um agente que - intencional e propositalmente - tenha planejado

e executado uma ação pela qual uma entidade, antes inexistente, passa a existir. É neste sentido que se usa o termo para falar da criação artística e intelectual, por exemplo. A partir de tal significado, se estabelece uma importante relação: a relação entre o criador e a criatura. Esta relação apóia-se no pressuposto fundamental de que, para que alguma coisa exista, sempre deva haver um sujeito anterior a ela, que a criou a partir de seus poderes e sua vontade.

O anticriacionismo trata, no seu sentido mais usual, da negação da criação como origem da existência e da ordem do Universo e das leis da natureza. Nesse sentido, o anticriacionismo nega a relação entre criador e criatura e recusa que o Universo, a natureza e o ser humano tenham como causa de sua existência um ato de criação do tipo acima descrito. O anticriacionismo é aparentado com o ateísmo, que é a doutrina segundo a qual não existe Deus: um ser dotado de propósito inteligente e criador do Universo e sua história. Mas o anticriacionismo difere do ateísmo em alguns aspectos importantes. Mesmo o ateu poderia, segundo sua forma de pensar, supor a possibilidade da existência de um criador e negar a ele atributos divinos. O anticriacionista, por sua vez, poderia admitir a existência de um ser com atributos divinos e negar que ele tenha sido o criador do mundo. Mitologias de algumas culturas narram a origem do mundo e dos próprios deuses como processos de aglutinação de elementos como a água e o fogo, ou processos de crescimento vegetativo, nos quais as coisas que existem, incluindo os próprios deuses, vêm a existir por meio de processos que não tiveram a pessoa de um criador como origem. Esta hipótese seria anticriacionista sem ser ateu.

A versão mais geral e disseminada do anticriacionismo tem em um extremo o ateísmo radical - oposto a toda admissão de seres fora da esfera do mundo da experiência - e em outro extremo, mais brando, se refere à causa do Universo como uma força unificadora, ou energia que o formou e mantém; justamente como um crescimento vegetativo e gradual, e não como um ato intencional de criação. Em todos os casos, o elemento em comum a todas as suas versões é a negação de personalidade, desígnio e consciência como causas do universo e seus habitantes.

O anticriacionista critica a atribuição de um criador como explicação da origem do mundo e seus seres, sob um argumento do seguinte tipo: a criação não é uma legítima explicação, pois permanecem misteriosos a origem e os atributos deste ser criador original. Confiar nas escrituras e tradições cosmológicas também não é uma legítima explicação, pois elas são construções históricas e sofrem da fragilidade de serem melhor reconhecidas como produtos da superstição e dos interesses humanos de cada contexto. Tais escrituras sofrem, também, da fragilidade de serem facilmente contestadas pela evidência empírica. Este argumento instala uma importante assimetria entre o criacionismo e seu rival como explicação cosmológica na cultura moderna – o evolucionismo. Se o argumento estiver correto, o criacionismo sequer pode se sustentar como alternativa válida ao evolucionismo, pois não possui os elementos de evidência e de coerência próprios de uma teoria viável da causa do universo e seus habitantes. O criacionismo se qualificaria melhor como um artigo de fé inquestionado, ou como um dogma moral de certas matrizes culturais. E a única alternativa viável, segundo certos padrões de seleção do conhecimento válido, seria o anticriacionismo. Isto seria equivalente a dizer que o criacionismo sequer chega a ser uma legítima explicação, no sentido rigoroso do termo. O criacionismo seria uma resposta arbitrária para a questão da origem do mundo e tiraria seu poder persuasivo da fraca analogia entre o universo e os artefatos feitos pelo homem, e ainda de sua relativa capacidade de atender ao apelo emocional por um sentido para a vida humana.

As raízes deste modo de pensar remontam a concepções cosmológicas da Antiguidade como se observa, por exemplo, nos escritos de Lucrecio e Demócrito. Estes pensadores supunham uma ordem cósmica onde a matéria em constante movimento fosse adquirindo diversas formas e estruturas, sendo que as mais estáveis e harmônicas tendiam a perdurar. Por esse mesmo processo de movimentação e composição constante, o mundo teria atingido seu estado atual, sem qualquer processo criativo em sua origem.

Mas é na Modernidade, a partir do desenvolvimento do método experimental e das modernas concepções científicas, que o anticriacionismo adquire

maior expressão doutrinária. O anticriacionismo procura se fortalecer por argumentos provenientes da investigação científica, que possam justificar a adoção de causas inerentes à própria natureza, para explicar a ordenação e complexidade observada no mundo; nega validade às tradições religiosas e mitológicas que nararam a origem do mundo a partir de um ato de criação. O movimento conhecido com Teologia Natural e a polêmica cosmológica em torno do conhecido Argumento do Desígnio foram o grande propulsor da atitude anticriacionista. Um exemplo é o ceticismo presente nos *Diálogos sobre a religião natural*, publicados por David Hume no século XVIII. Hume examina a questão do argumento do desígnio através de personagens que discutem se o mundo é ou não originário da relação criador e criatura. Ele retoma as cosmologias da Antiguidade e se mostra fortemente inclinado a optar pela opinião anticriacionista. Com Hume aparece pela primeira vez o argumento anticriacionista de que diversos arranjos da natureza são melhor explicados como formas intermediárias, emendas, improvisos, do que como obras planejadas por um artífice inteligente. A presença do mal e do sofrimento extremo no mundo, por exemplo, desencoraja a opinião de que tal mundo seja resultante de um ato de criação de um ser com grande inteligência e poder. Este argumento é retomado em formulações cada vez mais sofisticadas pelos anticriacionistas da posteridade. No século XIX, a divergência instalada nos meios intelectuais entre a tradição religiosa e a científica favoreceu o anticriacionismo como uma reação ao conservadorismo religioso e como o ponto de vista que mais se ajustava aos recentes avanços no campo das ciências naturais. A descoberta de inúmeros processos naturais em diversos campos de conhecimento e sua formulação em termos de teorias com forte sustentação empírica e lógica favoreceram a crença de que não é a criação, mas a atuação de forças e processos ao longo do tempo e condições ambientais específicas que produzem os fenômenos e entidades do mundo.

A teoria da evolução por seleção natural de Charles Darwin deu forte impulso ao anticriacionismo, oferecendo uma base argumentativa a partir da qual se engendrou a crítica contra o desígnio inteligente do

mundo a um ponto nunca antes atingido. Com base em teorias geológicas como as de Lyell, acerca da extensão em bilhões de anos da idade da Terra e da origem da vida, Darwin, após anos de pesquisa experimental feita por ele e seus correspondentes em diversas partes do mundo, formulou um argumento que pretende explicar mesmo as características mais complexas dos seres vivos. Seu argumento é anticriacionista, pois prescinde da ação criativa, aludindo somente à pressão ambiental, exercida sobre seres dotados de variações que se transmitem pela reprodução.

Thomas H. Huxley, ao defender o agnosticismo, ou seja, a impossibilidade de sustentar alguma afirmação sobre a existência de um criador do mundo, é um dos mais manifestos promotores do anticriacionismo de inspiração darwiniana. Pode-se citar ainda as doutrinas materialistas como as de Karl Marx, entre as representantes de alguma versão do anticriacionismo. Em geral, a partir de qualquer cosmologia que se recuse a admitir a ação criadora e a intervenção divina no mundo e em sua história, praticamente toda teoria científica ou forma de discurso daí resultante irá incorporar consequências anticriacionistas. Do ponto de vista das ciências da natureza, teorias sobre a origem do universo favorecem o anticriacionismo na medida em que propõem explicações segundo as quais o espaço, os astros, os elementos químicos e o próprio tempo se devem ao desenvolvimento de estados anteriores, num grande processo de acumulação e desenvolvimento. Apesar da pretensão medieval de que a ciência seria o conhecimento da obra de um criador, a partir da Modernidade o próprio método científico passa a favorecer o anticriacionismo, ao recomendar que só se admita uma explicação ou hipótese na medida em que ela resista ao teste experimental e à análise de sua coerência lógica. No caso da origem da vida, da inteligência e do ser humano em especial, a atitude anticriacionista participa do seu mais acirrado debate. O anticriacionismo, neste caso, implica em supor que o ser humano existe sem ter sido criado, e rejeita a relação entre criador e criatura no caso de nossa espécie. Por isso o anticriacionista nega que a existência do ser humano tenha uma função ou propósito transcendente a suas condições concretas de existência.

Nos últimos anos, o anticriacionismo vem sendo fortalecido com argumentos tirados da biologia evolutiva e da filosofia. Estes argumentos propõem que a causa da ordem e da complexidade no mundo não se devem ao desígnio nem à intenção de um criador, mas à atuação de regularidades e de forças inerentes à própria natureza, as quais é função da ciência descrever e explicar. O zoólogo Richard Dawkins e o filósofo Daniel Dennett estão entre os principais representantes deste ponto de vista. No discurso destes autores aparece uma importante distinção entre o anticriacionismo em sua versão cosmológica e o anticriacionismo em sua versão cultural. A versão cosmológica seria a seguinte: O mundo e sua história, incluindo o ser humano, não foram criados. O mundo se deve a outro tipo de causas, destituídas de intenção ou propósito, e inerentes ao próprio mundo. A melhor formulação deste sistema de causas é a que se identifica com a visão evolutiva da natureza e com o mecanismo de seleção natural que explica a história dos seres vivos. Na versão cultural, a tese é assim apresentada: a crença na criação é uma crença falsa. Tal crença se propaga, principalmente, pelo apelo sentimental e cultural de certa tradição e de certa mitologia. Os principais alvos dessa negação são as tradições religiosas, construídas sobre a suposição de um Deus criador. No Ocidente, atualmente, o principal alvo do anticriacionismo seria a criação descrita pela cosmologia judaico-cristã. A narrativa do Gênesis, então, é negada e tratada como uma superstição ou fantasia que poderia, no máximo, representar um significado moral, mas nunca uma adequada descrição da realidade. A realidade, para o anticriacionista, se revelaria de uma forma completamente oposta àquela que se reproduz nas tradições culturais predominantes na história do Ocidente. Não haveria argumentos legítimos em favor da criação, que resistam a um exame crítico, ou ao teste da experiência. A recusa da relação entre criador e criatura também pode se referir aos próprios produtos da mente humana, tanto quanto aos seres do mundo natural. Finalmente, o anticriacionismo, assim entendido, assume a forma da negação da originalidade ou da autoria subjetiva de qualquer artefato ou produto cultural. Isto equivale a negar a criação como ato de qualquer mente individual, mesmo a mente humana.

Todas as manifestações da cultura seriam resultantes de processos e forças, onde diversos complexos de causas operam ao longo do tempo para produzir como efeito as ideias, crenças e objetos que constituem o universo cultural, assim como contribuem para reunir os elementos que formam cada uma das mentes individuais.

Ao desenvolver sua teoria dos ‘memes’, como unidades de informação que se propagam no meio ambiente da cultura humana, Dawkins oferece argumentos em favor desta modalidade extrema de anticriacionismo. Finalmente, a versão cultural do anticriacionismo não nega somente a descrição da causa do mundo em termos de um desígnio, mas nega a legitimidade do conjunto de opiniões e valores baseados no pressuposto fundamental da criação inteligente. Com isso, a promoção e o cultivo de valores nas culturas humanas não deveriam procurar apoio na suposição dos desejos e intenções do criador. A promoção e o cultivo de valores dependeriam do estabelecimento razoável de objetivos conforme os interesses concretos dos agentes, e tais valores seriam relativos a cada época e contexto. Esta relativização que o anticriacionista propõe - dos objetivos e valores morais e sociais - está em acordo com a situação do ser humano como resultado da ação de forças naturais e históricas, em um universo em constante transformação, mas desprovido de um desígnio ou propósito superior ou transcendente.

CONCLUSÃO

No início deste texto e ao longo de seu desenvolvimento foi empregado algumas vezes o termo “cosmologia”. Esta expressão está sendo entendida aqui como qualquer concepção acerca da origem, da ordem e do funcionamento do universo natural e, conseqüentemente, dos seres que o habitam. Nas cosmologias é geralmente dado destaque ao lugar ocupado pelo ser humano e seus produtos, manifestos nesta grande matriz comum a que se dá o nome muito amplo de “cultura”. Uma cosmologia é, portanto, composta pelo menos destes elementos: Uma narrativa mais ou menos concatenada sobre a origem e as leis fundamentais do funcionamento do mundo e da natureza, ou seja, um conjunto de crenças. Um conjunto de valores – especial-

mente valores morais, epistemológicos e até estéticos – decorrente desta narrativa. E finalmente um conjunto de condutas e atitudes que surgem da aplicação de tais crenças e valores às demandas da vida teórica e prática.

Neste sentido, se pode supor desde o começo que tanto o antievolucionismo como o anticriacionismo se definem como cosmologias. E, mais que isso, como cosmologias fortalecidas e tornadas coesas pela negação de seu “outro”, de seu oposto na vida cultural. Finalmente, ousa-se adiantar a hipótese de que, fora alguns aspectos de menor relevância, em linhas gerais, estas duas negações se afetam e se opõem mutuamente, ficando a validade de uma dependente do descrédito da outra.

Há aqui, porém, pelo menos uma discrepância significativa entre os territórios, ou fundamentos de ambas as atitudes. O antievolucionismo, nos anos recentes, alimenta-se de um ceticismo acerca dos métodos e resultados da ciência e se fortalece de interpretações e compromissos com as tradições religiosas. O anticriacionismo, por seu lado, alimenta-se de um ceticismo acerca das explicações baseadas na tradição religiosa e se fortalece de uma recorrência aos métodos e resultados das ciências naturais. Culturalmente, se poderia supor que não há genuína oposição, e sim uma incomensurabilidade entre as duas negações, já que ambas expressam seus discursos segundo pressupostos e linguagens distintas. Seria como se esta incomensurabilidade de ambas as cosmologias - mutuamente negativas - levasse a que os adeptos de uma dessas atitudes não pudessem compreender os adeptos da outra, já que se situam em “mundos” diferentes. O impasse entre antievolucionistas e anticriacionistas seria insolúvel e, uma vez instalado, dificilmente haveria um caminho para o consenso, o convencimento pelo argumento, ou o diálogo profícuo entre seus adeptos.

A sugestão de reflexão que se faz, na forma de conclusão deste trabalho, é a de que se encontra em jogo aqui uma versão específica da velha disputa entre a tradição e a renovação, materializada desde o início da modernidade na forma da disputa entre a ciência e a religião. Esta disputa tem como personagens famosos os nomes de Galileu, Copérnico, Darwin e um dos seus exemplos mais significativos foi o conhecido debate entre Thomas Huxley e o Bispo

Samuel Wilberforce. Com isso se pretende dizer que os efeitos desta aparente incomensurabilidade não são tão profundos quanto parecem. Os adeptos de um lado da disputa reconhecem o significado do que os adeptos do outro lado pretendem expressar. Assim sendo, o diálogo entre antievolucionistas e anticriacionistas é em princípio possível, e até, em certa medida, desejável.

Mesmo que jamais aconteça a vitória de um dos ‘partidos’ desta disputa entre cosmologias, é possível que a razoabilidade de uma discussão mais desapassionada e mais tolerante promova a mútua compreensão do outro, inicialmente negado ou repudiado. Com isso, promove-se o crescimento das possibilidades de intercomunicação e de experiências compartilhadas envolvendo o amadurecimento de ambos os pontos de vista. É preciso reconhecer que esta possibilidade envolve o gradual abandono da negação do outro e a busca pela constituição de crenças, valores e atitudes fundadas numa relação dialógica, onde valeriam as regras da tolerância e do argumento racional. O aspecto “anti” do antievolucionismo e do anticriacionismo, pelo qual ambos se instalam na cultura como baluartes da negação de seu outro, seria enfraquecido, dando lugar à comunicação. Esta é a sugestão com a qual se encerra esta reflexão.

Se esta sugestão procede, o que se poderia concluir é que a diferença, o desacordo, a dúvida e a crítica são, na cultura, motores geradores da novidade. Por isso, na medida em que a negação do “outro” evolui para o debate aberto e imparcial das opiniões, sem com isso gerar intolerância e violência, esta negação pode apresentar resultados e oportunidades relevantes, na tentativa comum a todos os membros da comunidade humana, de produzir um mundo melhor, mais justo e mais esclarecido a cada geração.

BIBLIOGRAFIA - ANTIEVOLUCIONISMO

Impressa:

FLEW, Antony. *Um ateu garante: Deus existe. As provas incontestáveis de um filósofo que não acreditava em nada*. São Paulo: Ediouro. 2008.

Perguntas e respostas sobre criacionismo e evolucionismo (dias estruturas conceituais). São Paulo: Sociedade Criacionista Brasileira. 2014.

Veio o homem a existir por evolução ou por criação? New York City: Wachover Bible and Tract Society. Edição brasileira. 1968.

Digital:

Denton, Michael. “Criacionismo”. Disponível em: WWW.Universocriacionista.com.br/content/section/9/8/ acesso em 26 de janeiro de 2015.

BIBLIOGRAFIA - ANTICRIACIONISMO

Impressa:

DAWKINS, Richard. *O Relojoeiro Cego – A teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

_____. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

_____. *Deus: um delírio*. São Paulo: Cia das Letras. 2007.

DENNETT, Daniel. *A perigosa ideia de Darwin*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

HUME, David. *Diálogos sobre a religião natural*. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

Digital:

Manifesto da SBG (Sociedade Brasileira de Genética) sobre a ciência e o criacionismo. Disponível em: WWW.sbg.org.br/ManifestoCriacionismo.html, acesso em 23 de janeiro de 2015.

O AUTOR

José Claudio Matos Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999) e Foutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina, na cadeira de Filosofia da Educação. Tem experiência na área de Teoria do Conhecimento e Ética. Desenvolve projetos de pesquisa sobre a filosofia de John Dewey. E-mail: doutortodd@gmail.com